

A close-up portrait of an older man with grey hair, looking directly at the camera with a serious expression. He is wearing a dark suit jacket over a light blue collared shirt. The background is a plain, light grey.

MARCOS
EDUARDO
NEVES

Planeta ESTRATÉGIA

O EFEITO ZICO

COMO OBTER ÍNDICE
DE REJEIÇÃO ZERO
NA SUA PROFISSÃO

Planeta ESTRATÉGIA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARCOS
EDUARDO
NEVES

O EFEITO

ZICO

Planeta ESTRATÉGIA

COMO OBTER ÍNDICE
DE REJEIÇÃO ZERO
NA SUA PROFISSÃO

Copyright © Marcos Eduardo Neves e Arthur Antunes Coimbra, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Tratamento de imagens de acervo pessoal: Daniel Planel
Capa: Fabio Oliveira
Imagem de capa: Eduardo Monteiro / fotonauta

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Zico, 1953-
O efeito Zico / Zico e Marcos Eduardo Neves. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
256 p.

ISBN: 978-85-422-2594-5

1. Desenvolvimento pessoal 2. Desenvolvimento profissional 3. Liderança 4. Zico, 1953- - Carreira I.
Título II. Neves, Marcos Eduardo

24-0135

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:
1. Desenvolvimento pessoal



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta
edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986,
4ª andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Lufga
e Fairfield LT Std e impresso pela
Geográfica para a Editora Planeta
do Brasil em janeiro de 2024.

Sumário

9

Apresentação

13

INTRODUÇÃO

Uma imagem irretocável

Planeta **ESTRATÉGIA**

21

CAPÍTULO 1

O passado constrói o futuro:
valorize a sua história

36

CAPÍTULO 2

Líderes com paixão me transformaram
em um profissional de alto nível

50

CAPÍTULO 3

Os segredos por trás de um líder

66

CAPÍTULO 4

Chegar ao topo é fácil; difícil é se manter

78

CAPÍTULO 5

O momento certo de se impor

95

CAPÍTULO 6

Humildade e correção para
brilhar no exterior

106

CAPÍTULO 7

Sacrifícios e derrotas viram aprendizados

120

CAPÍTULO 8

De repente, virei Ministro

Planeta ESTRATÉGIA

129

CAPÍTULO 9

O maior desafio da minha vida

142

CAPÍTULO 10

Montando uma equipe vencedora

152

CAPÍTULO 11

Mudando o patamar de um grupo

162

CAPÍTULO 12

O caso Romário e o drama de Ronaldo

170

CAPÍTULO 13

O reconhecimento na
Terra do Sol Nascente

180

CAPÍTULO 14

Enfrentando o poder
com autoridade

193

CAPÍTULO 15

Acumulando experiências e
espalhando aprendizados

211

CAPÍTULO 16

Planeta Estratégia
Líder é sempre líder,
não importa a idade

220

CAPÍTULO 17

Ensinaamentos e aprendizados

229

CAPÍTULO 18

A descoberta do meu propósito

235

O que dizem sobre o líder

237

Agradecimentos

CAPÍTULO 1

O passado constrói o futuro: valorize a sua história

(Quintino/Flamengo – 1953/1971)

Planeta ESTRATÉGIA

FUI CRIADO NO SUBÚRBIO DE QUINTINO BOCAIUVA. QUANDO nasci, meu pai, o português José Antunes Coimbra, mais conhecido como “seu Antunes”, tinha 51 anos. Ele parecia um senhor de idade. A diferença era abissal em relação a hoje, pois, apesar do avançar do tempo, parecemos ser mais jovens do que de fato somos, graças a uma série de cuidados e mudanças de comportamento, desde físicos a alimentares.

Como papai trabalhava fora, **fui praticamente criado por meu irmão mais velho.** Na família, José Antunes Coimbra Filho era chamado de Zeca. No meio do futebol, Antunes. Eu tinha oito anos e meio a menos que ele e sabia tudo sobre a sua vida. Até o que meus pais não faziam ideia.

Quando ele chegava, ao tomar banho colocava um banquinho para eu me sentar e trancava a porta. Eu ficava escutando suas peripécias com a bola nos treinos e, vida afora, com as namoradas. Nas ruas ele me alertava:

“Isso você pode fazer, Zico. Isso aqui, não.”

Antunes jogava no Fluminense e quase sempre me levava para ver os treinos. Ele também analisava e assistia às peladas que eu jogava no bairro. Enfim, ele fez o papel do meu pai.

As etapas que construíram meus valores e caráter

Naquele tempo, a sociedade era mais patriarcal do que é hoje. Meu pai sempre foi durão. Nunca levantou a mão para mim, mas cansei de vê-lo bater nos meus irmãos. Eu era o caçula, e Antunes nunca o deixava vir para cima de mim. Entrava na frente e me protegia.

Muito desse comportamento do meu pai se devia à bebida. O “portuga” tomava umas *jurubebas* no boteco e, quando chegava em casa, meu Deus... Às vezes, batia nos meus irmãos por termos desobedecido à mamãe, dona Matilde, dezessete anos mais jovem que ele. Volta e meia, exaltada, ela berrava conosco:

“Vem tomar banho! Vem comer!”

Ninguém ia. Bastava papai chegar para colocar ordem na casa:

“Todo mundo pra dentro!”

A gente fazia uma fila indiana, e ele saía “distribuindo” cintadas em todos. Chegava a minha vez, baixava a mão. Em diversas ocasiões, mamãe segurava a onda. Se contasse o que tínhamos feito de errado, a reação do “velho” poderia ser exagerada.

Apesar dessa educação rígida, amor nunca nos faltou. **E, verdade seja dita, papai nunca deixou de nos dar afeto, ainda que do seu jeito.** Sustentava o lar, dando um duro danado para que nunca nos faltassem roupa, escola, café da manhã, almoço ou jantar. O resto era conosco.

**APESAR DESSA EDUCAÇÃO RÍGIDA,
AMOR NUNCA NOS FALTOU.**

Papai era alfaiate, e mamãe, dona de casa. Ela fazia todo o serviço sem o auxílio de domésticas. Temia que corrêsemos atrás delas:

“Nem pensar... Mulher não entra aqui, não!”

Hoje, compreendo. Havia cinco homens na casa. Quer dizer, três: Antunes, Nando e Edu, os mais velhos, porque eu e Antônio, que chamávamos de Tunico, éramos crianças.

Aprendendo por meio do exemplo

Devido ao modo rigoroso como fomos criados, **aprendi na marra a ter disciplina**. Meu pai saía do sério quando a gente faltava com o respeito à mamãe. Sempre que ela se queixava, principalmente das notas que tirávamos na escola, nossa situação se complicava.

Minha única irmã, Maria José – ou melhor, Zezé –, foi a primeira a deixar a casa. Fez por merecer. Saía de Quintino para cursar faculdade na Urca e voltava às onze da noite. Por ficar melhor para ela, resolveu morar com amigas perto da universidade. **Graças à sua dedicação, meu irmão Antunes prometeu ao “velho” seguir estudando e acabou se tornando um exemplo para todos nós, homens da casa.**

Antunes se formou em Economia e depois cursou Administração. Fernando, o Nando, tornou-se bacharel em Jornalismo, mas não seguiu carreira. Eduardo, o Edu, primeiro cracaço da família, fez Educação Física. Tunico se formou em Direito, e Zezé, em Psicologia. Quando acabei o científico, resolvi cursar Educação Física.

Mesmo já sendo o Zico, consolidado como estrela do futebol brasileiro e com nível internacional, inclusive tendo disputado duas Copas do Mundo, as de 1978 e 1982, deixei a faculdade apenas no último ano. Porque o Flamengo me vendeu para a Itália.

Manter a palavra é fundamental

Como estudar era dever de todos, caso não déssemos certo no futebol, ao menos teríamos um diploma e, com isso, uma profissão. Porém, como já vinha fazendo sucesso no Flamengo, cursar faculdade não foi nada fácil. Dei sorte que a maior parte dos professores compreendia minhas dificuldades para estar sempre por lá. Várias vezes, o Flamengo jogava à noite, no Rio de Janeiro ou em outras cidades. Acertei a questão da frequência conversando com os professores. Devido aos jogos no Maracanã ou fora dele, ir para a faculdade às quartas-feiras, por exemplo, era impossível.

O clube me liberava, e eu voava da concentração para a faculdade. Retornava exausto. Além das quartas, não conseguia ir às sextas-feiras caso houvesse jogo fora no sábado. Meus professores entendiam. Fazendo vista grossa, liberavam minhas faltas nesses dias.

Somente um professor encareceu comigo. Justamente, o irmão de um jogador de futebol. Eu precisava jogar numa quarta-feira, e ele cismou que eu teria de entregar um trabalho específico naquele dia. Tentei dialogar:

“Você sabe que tenho jogo quarta. Posso te entregar na terça ou, então, na quinta-feira?”

“Não! Tem que ser quarta-feira; caso contrário, te dou zero!”

“Pode dar, então! Mas, saiba, escolhi sua matéria exatamente por você ser irmão de jogador. Achava que você entenderia, por experiência própria, como é dura a nossa rotina.”

Nem assim ele desceu do pedestal.

“Tudo bem, professor, pode me dar zero, vai. Serei reprovado, mas esteja certo de que, no ano que vem, não volto a escolher a sua matéria de jeito nenhum!”

Dito e feito. É preciso ter e manter a palavra.

Nunca deixe de estudar

No primeiro ano da faculdade, tive aulas de Fisiologia e Anatomia com um professor chamado Rizzo. Ele tinha sido médico do Fluminense, tratava no clube o meu irmão Antunes e, por consequência, me conhecia desde pequeno. Eu tinha 11 ou 12 anos e ficava conversando com ele na arquibancada sempre que ia às Laranjeiras ver o meu irmão treinar. Sentia que ele gostava de mim.

Quando fiz sua disciplina, descobri que era aquele tipo de professor cuja aula a turma lotava a sala para assistir. Conhecia cada aluno pela fisionomia. Dé, o “Aranha”, jogador que defendeu alguns times do Rio e do exterior, certa vez foi fazer prova e ouviu um sermão:

“Ei, vem cá, em quantas aulas o senhor apareceu por aqui?”

Dé, que entrou mudo, seguiu calado.

“Você não veio nunca! Então, me explica como quer fazer essa prova? Pode ir embora, sua nota já está dada, é zero!”

Fui convocado para a Copa do Mundo de 1978 e, por causa da longa preparação na Argentina, perdi inúmeras aulas. Um decreto federal me salvou. Se algum aluno fosse chamado para defender a pátria, a faculdade teria de aliviar as faltas. Dessa forma, me abonaram.

Assim que voltei ao Brasil, meus colegas de turma estavam loucos para saber se eu passaria de ano ou se me passariam por eu ser o Zico. Quando retornei à faculdade, conversei com o Rizzo:

“Doutor, fui convocado. Fiquei fora um tempo servindo à seleção, portanto não pude vir...”

Ele sabia. Por não ter mentido, definiu:

“Zico, você deu sorte de vir hoje, pois viajo em duas semanas. Façamos o seguinte. Sem ser essa semana, na outra, vou te dar quatro provas. Duas na segunda, duas na terça-feira. E você, faz favor, me entrega também esse trabalho aqui...”

Aceitei. Na verdade, não tive escolha.

Quem me levava para a faculdade era um segurança do Flamengo, o Pinheiro. Eu tinha acabado de sofrer uma distensão no adutor da coxa durante a Copa, na partida contra a Polônia, quando fui travado no pé direito pelo Boniek aos dois minutos de jogo. Além do adutor estourado, torci o tornozelo. E, nas provas, teria de descrever a articulação do joelho, medicina pura.

Soube que um dos alunos do Rizzo ia se tornar monitor. Perguntei se ele podia me ajudar. Não sei se era flamenguista ou não, mas ele topou. Me deu aulas particulares das cinco às dez, de segunda a sexta. Até nas quartas-feiras estudei, por estar machucado. O filho do Ivan Drummond, dirigente do Flamengo, cursava Medicina e foi outro que me ajudou bastante. Durante esse período, esbarrei com o Rizzo na faculdade:

“Zico, que bacana! Soube que você está vindo todo dia aqui estudar. Que bom, vejo você realmente interessado.”

Ele me aliviou. Tirei sete nas primeiras provas e, para ser sincero, acho que ele “engordou” as minhas notas. Não podia me dar oito ou nove, mas com seis ou seis e meio eu passava. Na última, amaciou tanto que fui bem demais. No final, ao ler meu trabalho, admitiu:

“Estou nesta faculdade há não sei quantos anos, tive muitos alunos, inclusive alguns jogadores, e vou te dizer, todos achavam que você só passaria por ser o Zico. Mas comigo não tem esse negócio, não! Aluno é aluno, e você foi brilhante, até porque sei dos seus compromissos como atleta. Não é fácil trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Então, me deixa te dizer uma coisa: eu já imaginava como você era, te conheci garoto ainda, mas não te facilitei em nada, foi tudo mérito teu. Por isso, faço questão de te dar os meus parabéns, por sua postura e determinação.”

**NÃO É FÁCIL TRABALHAR E
ESTUDAR AO MESMO TEMPO.**

Nessas horas, eu só pensava no meu pai. Porque ele me liberou para jogar desde que eu continuasse estudando. Ele não tinha orgulho de ser pai do Zico, seu orgulho vinha da educação que deu a cada filho. Seu Antunes nos educou para sermos, antes de tudo, cidadãos. Se viraríamos ou não jogador, quem decidiria seríamos nós, mas ele nos preparou para a vida, e eu me sentia no dever de retribuir. Esforcei-me bastante para ele reconhecer o quanto valeu a pena todo o sacrifício feito.

Quando fui jogar na Itália, ficou complicado seguir estudando até me formar. Tranquei a faculdade. Mesmo assim, anos depois, o CREF, Conselho Regional de Educação Física, reconheceu que eu deveria me formar. Assim foi feito. Mesmo que eu não precisasse mais, por já estar com a vida encaminhada como jogador profissional, consegui o diploma de educador físico.

Planeta **É indispensável se disciplinar** ESTRATÉGIA

Como disse, disciplina eu aprendi a ter em casa, com meu pai. Estudava no Rivadávia Corrêa, uma escola municipal que fica no Centro, de frente para o Ministério da Guerra. Tinha feito provas para lá e para o Pedro II, que era mais forte. Antunes fez o Pedro II, e Nando, o Rivadavia. Fui aprovado para os dois, mas via de perto o esforço ferino do Antunes para passar de ano ao mesmo tempo que defendia o Fluminense. Pensei comigo: *O Rivadavia será melhor para mim, já que tenho que treinar todo dia no Flamengo.*

A escola ficava perto de onde meu pai tinha uma alfaiataria, na Uruguaiana. Eu fazia uma caminhada boa pela avenida Marechal Floriano quando saía à tarde do colégio só para vê-lo trabalhar. Depois caminhávamos juntos até a Central do Brasil, onde pegávamos o trem para casa.

Os treinos no Flamengo eram de manhã, na Gávea, mas não todos os dias. Depois de treinar, eu seguia para a escola. Às vezes,

quando não havia treino, saía de casa às onze, entrava no colégio ao meio-dia e por volta das cinco o meu pai me pegava. Se acabasse a aula mais cedo, eu corria para a alfaiataria. Posso afirmar que aprendi a ser perfeccionista vendo o velho trabalhar. Ele não admitia que freguês voltasse para reclamar dos ternos.

Observava-o com atenção. Era tudo no giz, na tesoura, e só havia um funcionário a auxiliá-lo, o “seu Antônio”. Por sinal, este se casou com a minha prima Ermelinda, quem me apelidou de Zico. Como meu nome é Arthur, me chamavam pelo diminutivo Arthurzinho, em seguida Arthurzico e ela, visionária, fechou com Zico.

Voltando ao trabalho de papai, às vezes chegava um cliente, e ele, ao receber a peça, dizia o seguinte:

“Volte na semana que vem para experimentar.”

Na mesma hora, seu Antônio virava o seu Antunes. Assim como papai, também era português e deixava qualquer terno um “brinco”. O cliente, ao retornar para pegá-lo, agradecia feliz da vida:

“Está perfeito, nem preciso provar!”

Ouvir isso era do que meu pai mais gostava:

“Quando entrego é de uma vez só. Não quero freguês voltando, menos ainda pra dizer que não ficou bom.”

Ele era perfeccionista e, certamente, herdei isso dele. Ficava paralisado, assistindo ao seu capricho em cada peça que lhe confiavam. Tempos depois, quando comecei a treinar sério, percebi que tinha me tornado tão exigente e rigoroso quanto ele. **Dedicava-me de forma sobre-humana aos treinamentos, para não ter que ouvir reclamação dos treinadores, e me esforçava mais do que os meus companheiros.**

Quando acabava o treino, enquanto meus colegas tomavam uma ducha para deixar o clube, eu fazia questão de permanecer no grama-do para me aperfeiçoar. Aprimorava minha técnica com cabeceios,

chutes a gol ou batendo faltas. Treinando exaustivamente, tornei-me exímio nesse fundamento.

Por isso afirmo, seja na vida pessoal, profissional ou nos esportes, **a repetição é uma das chaves para se atingir a excelência em tudo o que nos predispomos a fazer.**

Mais importante que ser jogador é ser cidadão

Meu irmão Edu é considerado o melhor jogador da história do América, um tradicional clube do Rio. Apesar disso, muita gente falava que eu, o seu irmão caçula, viria com tudo. Enchiam o meu saco botando pressão em mim. Comecei a carreira assim, mas tudo bem. Quando você joga mesmo, não tem problema.

Naquele tempo, a gente entrava para o futebol e, se desse certo, maravilha. Se não, paciência. Por isso continuávamos estudando. Não era esse negócio de hoje em dia. É surreal o que vejo de pais forçando os filhos a tentar a sorte como jogador, visando única e exclusivamente resolver os problemas financeiros da família.

Dei sorte de meus irmãos terem sido atletas. Antunes, Edu e Nando defenderam o América. Depois, Nando virou artista, pintor, mas tinha sido o primeiro jogador anistiado do futebol brasileiro. Teve problemas com a ditadura militar, o que trouxe aflições para a família. Contudo, uma família unida sempre supera qualquer adversidade. E as superamos.

CONTUDO, UMA FAMÍLIA UNIDA SEMPRE SUPERA QUALQUER ADVERSIDADE.

Tunico era zagueiro de pelada. Edu, craque com nível de seleção. Antunes foi centroavante campeão carioca pelo Fluminense em 1964 e só não participou das Olimpíadas de Tóquio naquele

ano porque meu pai não quis assinar um contrato de gaveta com o clube. A seleção era composta de atletas tricolores. Meu pai enxotou de casa um diretor das Laranjeiras que apareceu por lá botando banca:

“Se você não assinar, não levaremos o seu filho para a seleção.”

“Não preciso de vocês para nada. Aqui em casa todo mundo tem é que estudar!”

O velho não era fácil. Por mais que gostasse de futebol, não fazia questão que ninguém fosse jogador. E aturar, dentro do próprio lar, alguém dizendo o que devia ou não fazer, isso ele não aceitava. Herdei dele isso também. **Não faço nada que não quero só porque alguém quer que eu faça.**

Quando Antunes se tornou jogador, demorou dois meses para avisar ao nosso pai. E, ao prometer que não abandonaria os estudos, seu Antunes lhe permitiu treinar. Depois de formado, pôde seguir carreira, mas abandonou o futebol em 1970, aos 26 anos, por discordar dos métodos do Otto Glória, seu treinador no América. Penduradas as chuteiras, tornou-se professor de Economia na Universidade Gama Filho.

Meu pai tinha cadeira perpétua no Maracanã, mas pouco ligava para frequentar o estádio. Ficava feliz, sim, com o nosso sucesso nos estudos. Só aliviou todo mundo para seguir seus caminhos depois de formados. **A gente podia fazer qualquer coisa, mas, em primeiro lugar, vinham os estudos.** Depois, respeitar nossa mãe. Caso contrário, descia a *lenha* nos meus irmãos.

Primeiro a obrigação; depois, a diversão

Por ser franzino, com 16 para 17 anos, iniciei um trabalho de fortalecimento muscular com o doutor José Roberto Francalacci. Em 1969, eu media 1,55 metro e pesava 37 quilos. Ou resolvia isso ou teria a carreira abreviada devido ao corpo franzino.

Em setembro de 1970, comecei a deixar Quintino às seis da manhã para treinar no Flamengo. Saía cedinho, pegava o trem, depois um ônibus, treinava às oito e meia e, por volta das onze, ia para a escola. Ao sair, tomava outro ônibus de volta ao Leblon, onde ficava a academia do Francalacci, e seguia o trabalho de reforço muscular por duas horas, três vezes por semana. Normalmente, terminava perto das oito e meia ou nove da noite. Só então retornava a Quintino, ora estudando, ora cochilando, tanto no ônibus como no trem. Chegava morto, às dez e meia ou onze, para dormir que nem um bebê.

Quase fui para o Vasco nessa época. Primeiro, porque o meu treinador se transferiu para São Januário e me convidou. Depois, porque o Flamengo se negava a pagar o meu almoço. Ao saber disso, o diretor de futebol, George Helal, bancou do próprio bolso a minha alimentação. Fez por conta própria, sem tirar um centavo do clube.

Meu pai confiava no Helal. Dali em diante, tudo começou a entrar nos eixos. Encarei árduos trabalhos na academia do Francalacci, dois períodos de três meses com intensidade fortíssima. Precisava ganhar corpo para aguentar as pancadas que receberia. Como ainda não jogava profissionalmente, suportei a maratona. Espichei para 1,66 metro, passando a pesar 53 quilos.

Tive um senso de responsabilidade incomum para um jovem da minha idade. Em geral, os meninos contestam, se irritam, alguns desistem, mas segui à risca as determinações. Engordei, cresci, ganhei onze centímetros na coxa, nove no peito e três no pescoço. Com um corpo cheio de músculos, já não me desequilibrava tanto nos treinamentos.

Quando finalmente estreei pelos profissionais, em 1971, aos 18 anos, estava pronto para fazer mais e mais por mim. Queria realizar o sonho de ser jogador. E, graças a todos esses aprendizados, principalmente no seio familiar, consegui me tornar o Zico.

Mantenha bons hábitos alimentares

Primordial foi não ter deixado de manter bons hábitos. Principalmente os alimentares. Jogador gasta muita energia durante jogos e treinos. Se houver prorrogação, então, a carga física chega a ser brutal.

Dormir bem e comer de forma regrada são condicionantes básicos para a formação de um bom atleta. Caso não mantivesse uma vida saudável, sequer conseguiria treinar duro, menos ainda jogar como joguei. Os atletas – ou melhor, todos, incluindo os não atletas – deveriam ter mais cuidado com isso, conscientizando-se de que uma alimentação rica em proteínas, fibras, vitaminas e frutas é o mínimo para manter a musculatura eficiente. Na concentração, fazíamos as refeições de forma balanceada e rigorosamente nos horários corretos.

Futebol é esporte de contato. Alguns, intensos. Por isso a importância da força muscular. Ninguém se machuca facilmente se seus músculos estiverem fortalecidos. É o caso do meu amigo Junior, o “Capacete” ou “Maestro”. Por ter se criado no futebol de praia, ele jamais teve lesões graves. Eu, não. Meu corpo era frágil. Se não o modificasse, jamais conseguiria manter uma rotina de jogos e treinamentos rígidos.

Dou muita importância à musculação, por experiência própria. Entrei no Flamengo aos 14 anos para jogar na escolinha, fui titular no primeiro ano e fiquei na reserva pelas duas temporadas seguintes. O motivo? Além de ser mais novo que os demais, era miudinho. O técnico orientou o seu auxiliar a me direcionar para aquele trabalho com o Francalacci, passei a treinar com pesos e fui submetido a uma dieta rigorosa.

Após dois anos de refeições nutritivas e balanceadas, além dos extenuantes exercícios de musculação, com o corpo musculoso não mais perdia disputas com zagueiros, apenas se cometessem falta. Fora isso, minha técnica resplandeceu.

Não basta ter talento, é necessário se preparar

Como já contei, acabava o treino, eu nem ia para o vestiário tomar banho para ir embora. Ficava cobrando faltas, às vezes sem iluminação suficiente. Queria chegar à excelência, quem sabe à perfeição.

Nos jogos, os zagueiros temiam cometer faltas. Volta e meia, eu os driblava e fazia o gol, mas, se me parassem, estava calibrado e confiante para bater. E não aceitava dividir cobranças com aventureiros que sequer haviam treinado a meu lado na semana. Se ensaiassem, talvez até permitisse, mas quem nunca treinou nem adiantava chegar perto.

É difícil alcançar a perfeição, mas não a excelência. Aprendi isso, como falei, vendo o meu pai. Seu perfeccionismo me fez bem. Tanto que, no momento em que senti que poderia me apurar em tudo, e não apenas nas cobranças de falta, dediquei-me a ir além.

Planeta ESTRATÉGIA
**É DIFÍCIL ALCANÇAR A PERFEIÇÃO,
MAS NÃO A EXCELÊNCIA.**

Deixo aqui o meu muito obrigado a quem foi mais do que especial na minha formação. Joubert, meu técnico no juvenil, que defendeu o Flamengo entre os anos de 1950 e 1960. Ele pedia para a gente se esforçar ao máximo em tudo. Passes, por exemplo, eu dava cem ou duzentos, sem direito a errar. Ele insistia nisso e tirava o nosso *couro* nos trabalhos de fundamentos. Mais tarde, tive a felicidade de trabalhar na seleção com Telê Santana, outro mestre exigente. Ele entendia que, quanto mais seus atletas estivessem bem no plano individual, mais contribuiriam para o coletivo.

No tempo em que defendi os juvenis, Joubert nos forçava a chutar de direita e de esquerda. Tínhamos que acertar uma tabuleta na barreira móvel que continha, na parte de cima, números de 1 a 4, e abaixo, 5 a 8. A gente se preparando para começar, ele berrava:

“Quero dez bolas no número 6!”

Eu só tinha direito a acertar os números 4, 1, 8 e 5, ou seja, os cantinhos. A repetição era desumana. Batia e acertava, ok. Ele mandava outra e aí de mim se não acertasse o alvo novamente.

Meu irmão Antunes me ensinou a chutar cruzado em casa. Dessa forma, segundo ele, eu dificultaria a vida dos goleiros. Que bom ele ter me passado isso! **Falei do Joubert e do Telê, mas não posso me esquecer do Antunes. Esses três foram fundamentais para que eu viesse a me tornar quem sou.**

Planeta ESTRATÉGIA